

Lauren Steffen

Universidade Federal de
Santa Maria
ORCID iD [https://orcid.
org/0000-0002-2346-
2086](https://orcid.org/0000-0002-2346-2086)

**Flavi Ferreira Lisboa
Filho**

Universidade Federal de
Santa Maria
ORCID iD [https://orcid.
org/0000-0003-4307-
9401](https://orcid.org/0000-0003-4307-9401)

Análise cultural das representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016 no *The Guardian*

Cultural analysis of the representations of Rio 2016 Olympic Games impacts in *The Guardian*

Análisis cultural de las representaciones de los impactos de los Juegos Olímpicos de Rio 2016 en *The Guardian*

RESUMO

O artigo analisa as representações dos impactos das *Olimpíadas Rio 2016* construídas na série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica”, publicada no portal de notícias do jornal *The Guardian* de 5 de agosto de 2015 a 19 de agosto de 2017. A série é composta por 21 relatos escritos por jornalistas comunitários de três favelas cariocas sobre as repercussões das *Olimpíadas Rio 2016* no seu dia a dia. Como base teórico-metodológica, recorremos à análise cultural, concebida na ótica dos Estudos Culturais, para discutir as mediações entre a cultura vivida nas favelas cariocas e a construção de representações no discurso jornalístico. Como resultado, conclui-se que o megaevento esportivo foi representado como um período de silenciamento das margens, levando à intensificação do processo de periferização das minorias sociais no país. Pontua-se, por fim, as contribuições do acionamento das vozes marginalizadas na série para a aproximação entre a cultura vivida e o discurso jornalístico.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Representação. *Olimpíadas Rio 2016*. *The Guardian*.

ABSTRACT

The paper analyzes the representations of the impacts of *Rio 2016 Olympic Games* built in the series “Rio Voices: our Olympic odyssey”, published on the news portal of *The Guardian* from August 5, 2015 to August 19, 2017. The series is composed by 21 reports written by community journalists from three favelas of Rio about the repercussions of *Rio 2016 Olympic Games* on their daily lives. As a theoretical-methodological basis, we use the cultural analysis, conceived from the perspective of the Cultural Studies, to discuss the mediations between lived culture in Rio’s favelas and its representations in journalistic discourse. As a result, we concluded that the sports mega-event was represented as a period of silencing of the margins, leading to an intensification of the peripheralization process of social minorities in the country. Finally, we point out the contributions of activating marginalized voices in the series for the approximation between culture and journalistic discourse.

Keywords: Cultural Studies. Representation. *Rio 2016 Olympic Games*. *The Guardian*.

RESÚMEN

El artículo analiza las representaciones de los impactos de los *Juegos Olímpicos de Rio 2016* construidos en la serie *Voces del Rio: nuestra odisea olímpica*, publicada en el portal de noticias del periódico *The Guardian* del 5 de agosto de 2015 al 19 de agosto de 2017. La serie está compuesta por 21 informes escritos por periodistas comunitarios de tres favelas de Rio sobre las repercusiones de los *Juegos Olímpicos de Rio 2016* en su vida diaria. Como base teórico-metodológica, utilizamos el análisis cultural, concebido desde la perspectiva de los Estudios Culturales, para discutir las mediaciones entre la cultura vivida en las favelas de Rio y la construcción de representaciones en el discurso periodístico. Como resultado, el evento deportivo se representó como un período de silenciamiento de las márgenes, lo que condujo a una intensificación del proceso de periferización de las minorías sociales en el país. Finalmente, señalamos las contribuciones de la activación de las voces marginadas en la serie para la aproximación entre la cultura vivida y el discurso periodístico.

Palabras-clave: Estudios Culturales. Representación. *Juegos Olímpicos de Rio 2016*. *The Guardian*.

Submissão: 8-6-2020

Decisão editorial: 3-9-2021

Considerações iniciais

De 5 a 21 de agosto de 2016, o Rio de Janeiro foi sede do maior evento multiesportivo do mundo, os *Jogos Olímpicos*. A partir do dia 2 de outubro de 2009, data em que a cidade foi eleita como sede da competição, a primeira realizada na América do Sul, os holofotes da imprensa passaram a se voltar para o Brasil, a fim de apresentar ao mundo o país que havia tirado Madri da disputa com uma diferença de 34 votos. Essa cobertura, que incluiu a etapa anterior, a própria fase de realização dos Jogos e o período posterior ao megaevento esportivo, não se limitou a destacar questões relacionadas à prática esportiva. Temas sociais, conflitos culturais, questões políticas e tensões econômicas vivenciadas pelo país-sede também passaram a ser elementos ativados para a construção de representações do país que escolheu a frase “Um mundo novo” como slogan para celebrar os Jogos.

O jornal britânico *The Guardian*, reconhecido historicamente pelo seu investimento na cobertura de fatos internacionais, buscou uma estratégia diferenciada para mostrar os impactos das *Olimpíadas 2016* no Brasil a seus leitores. A série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” teve como objetivo fazer com que moradores do Rio de Janeiro refletissem sobre a vida na cidade-sede das *Olimpíadas*, revelando o impacto dos

Jogos de 2016 em seu dia a dia. A série foi divulgada no período de 5 de agosto de 2015 a 19 de agosto de 2017, na seção chamada de Desenvolvimento Global no portal de notícias do jornal na Internet. Ao todo, foram publicados 21 textos escritos por três jornalistas comunitários residentes em favelas do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, o objetivo do artigo é analisar as representações dos impactos das *Olimpíadas Rio 2016* construídas na referida série do *The Guardian*, levando em conta as disputas de poder entre diferentes instâncias sociais: uma local, representada pelos jornalistas comunitários de favelas cariocas, e uma global, correspondente às lógicas de um jornal de relevância internacional. Como protocolo teórico-metodológico, recorreu-se à análise cultural, desenvolvida sob a ótica dos Estudos Culturais, a fim de empreender uma análise contextualizada e crítica do discurso jornalístico, concebendo-o a partir de suas mediações¹ com o entorno social e cultural.

Para a análise da cultura vivida, representada pelas mediações das favelas cariocas no contexto das *Olimpíadas Rio 2016* e pelas mediações jornalísticas na série do *The Guardian*, o artigo se baseia, metodologicamente, em pesquisas desenvolvidas em âmbito acadêmico, em relatórios de órgãos não-governamentais e comitês populares e em informações disponíveis no site do *The Guardian*. Nessa etapa da análise, busca-se descrever as repercussões políticas, os impactos econômicos e as tensões sociais desse período e também detalhar as condições de

¹ Neste trabalho, o conceito de mediações é entendido como um conjunto de processos e materialidades comunicativo-midiáticos no ambiente social e cultural (LOPES, 2018), articulado pela vida cotidiana e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas.

produção, os critérios de edição e os espaços de circulação da série. Já para a investigação das representações dos impactos das *Olimpíadas Rio 2016* construídas no discurso jornalístico, são analisadas sequências retiradas dos textos publicados pelos jornalistas comunitários na série a fim de exemplificar os principais sentidos encontrados.

Apesar de o objeto escolhido se referir à realização dos *Jogos Olímpicos* em 2016, é importante destacar que a reflexão proposta sobre a participação de jornalistas comunitários no discurso jornalístico internacional torna-se ainda relevante nos dias atuais para a área da Comunicação, uma vez que é fundamental problematizar as potencialidades e limitações da participação de vozes marginalizadas no discurso jornalístico hegemônico. Nesse sentido, aponta-se a necessidade de se analisar também outras iniciativas que tenham como objetivo a inserção democrática de grupos sociais minoritários em espaços midiáticos com vistas à construção de representações mais plurais.

Um desses exemplos é o portal *Fala Roça*, desenvolvido por Michel Silva, um dos jornalistas comunitários que participaram da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” do *The Guardian*. A iniciativa do portal nasceu a partir de um grupo de jovens da Rocinha que participaram de atividades organizadas pela Agência de Redes para Juventude, as quais tinham o objetivo de promover o jovem enquanto protagonista de seus desejos e realizações. Com a finalidade de atingir um número maior de pessoas na comunidade, os idealizadores do portal decidiram lançar uma versão impressa em maio de 2013. Segundo o site do projeto², o objetivo é amplificar as vozes da favela,

² Informações obtidas em <<https://falaroca.com/>>. Acesso em 26 de junho de 2021.

fazendo uma comunicação da comunidade para todos. O portal se denomina como uma associação de comunicação que busca pensar em novas narrativas na favela. O jornal é produzido por moradores da Rocinha, entre eles Michel e sua irmã. Reforça-se, assim, a importância de se dar continuidade às pesquisas sobre a inserção de vozes marginalizadas em coberturas jornalísticas, investigando não só ações promovidas pela mídia hegemônica, mas também iniciativas empreendidas dentro do próprio jornalismo comunitário, já que podem contribuir para a disseminação de perspectivas alternativas da realidade e sinalizar modos mais inclusivos de elaboração discursiva.

Análise cultural: a cultura vivida nas favelas cariocas e as representações no discurso jornalístico

Com bases no conceito de materialismo cultural (WILLIAMS, 1979), desenvolvido a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, advém a análise cultural enquanto um protocolo que atenta para as conjunções estruturais e demandas localizadas, comprometendo-se com uma prática contextual, complexa e oposta a qualquer tipo de reducionismo (COIRO-MORAES, 2015). Trata-se de “aprender a aceitar a complexidade desde o início, a pensar com e por meio da complexidade” (GROSSBERG, 2015, p. 16). Tal análise tem como objetivo descobrir a natureza da organização que constitui o complexo das relações sociais, revelando identidades e correspondências, bem como discontinuidades.

Para os Estudos Culturais, é fundamental pensar a cultura inserida em um contexto histórico e social, entendida como algo comum e ordinário. Dessa forma, a cultura é sempre alinhada na medida em

que é um processo social que ocorre entre pessoas em situações específicas, portando significados que variam conforme o contexto. Para Williams (1992), a cultura envolve todas as relações entre os elementos do modo de vida de um povo. O autor apresentou a ideia de uma cultura ordinária, que perpassa todas as atividades do homem. Assim, "se cultura é tudo o que constitui a maneira de viver de uma sociedade específica, devem-se valorizar as modificações históricas desse mesmo modo de vida" (CEVASCO, 2003).

Williams (2003) distingue três níveis de cultura: a *cultura vivida*, que é presencial e acessível para aqueles que vivem ou viveram em determinado tempo e lugar; a *cultura registrada*, desde a arte até os fatos mais cotidianos, isto é, a cultura documentada de um período e a *cultura da tradição seletiva*, fator vinculante entre a cultura vivida e os registros da cultura em distintos períodos. Dessa forma, existe uma constante interação entre os elementos culturais vividos na contemporaneidade e as tradições selecionadas de um passado considerado significativo, as quais fazem a conexão entre a cultura vivida e a cultura documentada, constituindo o meio social vivido por sujeitos reais em um determinado contexto.

O trabalho dos Estudos Culturais está centrado na pesquisa dessas culturas vividas, associando-se a uma política de representação, que faça com que grupos sociais subordinados ganhem voz e que culturas comumente privatizadas, estigmatizadas e silenciadas possam se tornar hegemônicas (ESCOSTEGUY, 2010). Para isso, a esfera política não pode ser pesquisada isoladamente do restante dos níveis sociais, uma vez que é a partir das relações sociais de produção que se desenvolve a ação política e se possibilita a trans-

formação social (COSTA, 2012). Dessa forma, mesmo quando se trata de estudar realidades empiricamente demonstradas, é fundamental o exercício de uma crítica inscrita na análise da totalidade histórica, que privilegie o estudo dos conflitos e das relações de poder.

Neste artigo, o conceito de cultura vivida apoia-se na noção de consciência prática desenvolvida por Williams (1979), que se relaciona com aquilo que está sendo realmente vivido, ou seja, as experiências sociais que estão sendo definidas e sentidas ativamente pelos sujeitos em determinado contexto. A cultura vivida apresenta-se como um complexo de forças, determinações e contradições que dão forma às maneiras como as pessoas entendem suas vidas e encaram os desafios que enfrentam. Sendo assim, se relacionam com a “consciência prática de um tipo presente, em uma continuidade viva e inter-relacionada, com uma série de relações vividas ativamente, ao mesmo tempo engrenadas e em tensão” (WILLIAMS, 1979, p. 134). Como uma realidade historicamente emergente, ela carrega consigo as temporalidades e espacialidades das várias crises que fornecem seus elementos constitutivos, bem como as construções narrativas desses conflitos produzidas por políticos, intelectuais, produtores culturais, entre outros (GROSSBERG, 2015).

A cultura vivida nas favelas cariocas durante o período de realização das Olimpíadas vai de encontro ao discurso sustentado pelas autoridades oficiais, uma vez que evidencia que o legado olímpico se mostrou uma falácia para as classes populares do país. Conforme o *Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro*, divulgado em novembro de 2015, consta que esse projeto teve como um dos principais componentes a expulsão dos po-

bres de áreas valorizadas, como os bairros da Barra da Tijuca e do Recreio, ou que foram contempladas com investimentos públicos. Nesses locais, “a Prefeitura Municipal atua como uma máquina de destruição de casas populares. A maioria das remoções está, portanto, localizada em áreas de extrema valorização imobiliária” (ANCOP, 2015, p. 19).

Da mesma forma, investimentos na área de transportes, como a implantação do sistema BRT (*Bus Rapid Transit*), privilegiaram esses mesmos espaços ocupados pelas elites cariocas. Houve, desse modo, uma desigualdade na distribuição desses investimentos, os quais se concentraram especialmente na Zona Sul, em vez de atenderem às demandas existentes da população mais carente por serviços de transporte para outras direções da cidade.

A área da segurança pública foi um dos pontos principais destacados no projeto de candidatura olímpica do Rio de Janeiro, recebendo altos investimentos do poder público. No entanto, para a Ancop (2015, p. 101), a lógica bélica prevaleceu ao longo do processo, o qual consistiu em “um instrumento da política de genocídio negro e repressão de favelas e periferias, acentuando ainda mais a criminalização dos movimentos sociais”. De acordo com o dossiê, a ocupação militar das favelas cariocas marca a escolha por um modelo repressivo e de controle adotado pelas autoridades de segurança pública brasileiras. Para a Ancop (2015, p. 102), “o contexto da preparação para os *Jogos Olímpicos* traz consigo o agravamento do militarismo com a subsequente ampliação do Estado policial e, logo, da letalidade policial”. Assim, a manutenção dessa política, na visão da associação, significou um dispositivo de

gestão militarizada das favelas, representando não apenas um projeto de controle urbano, mas também um fator de justificativa para o homicídio de negros e pobres no país.

Dessa forma, torna-se relevante compreender a construção de representações dos impactos das *Olimpíadas Rio 2016* na visão de classes populares, pois os meios de comunicação participam da conformação de um senso de realidade, podendo justificar práticas hegemônicas e exclusões simbólicas, mas também criar e recriar novas formas de mobilização e participação coletiva. Nessa pesquisa, o conceito de representação torna-se central ao evidenciar o processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Para Hall (2016), representar significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo, em um processo que conecta o sentido e a linguagem à cultura. Assim, “competete à linguagem poder articular, de uma forma ou de outra, a representação que ela transforma em discurso” (FOUCAULT, 1999, p. 118).

No interior do discurso, tais significados são construídos em meio a disputas de poder e estão organizados conforme os sistemas classificatórios do contexto cultural em que estão inseridos. Esses sistemas constituem diferentes maneiras de organizar, agrupar e categorizar as relações entre os sujeitos, o que evidencia que os processos sociais têm condições culturais e discursivas de existência, uma vez que dependem do significado para funcionarem e produzirem seus efeitos (HALL, 2016). Desse modo, as representações construídas no discurso do *The Guardian* a respeito dos impactos das *Olimpíadas Rio 2016* contribuem na

forma como essa realidade específica será conhecida e avaliada pelos diferentes membros de uma sociedade, levando ao reforço ou à desconstrução de preconceitos e estigmas.

Nesse processo, a cultura torna-se a esfera responsável por oferecer as categorias básicas a fim de manter a ordenação social, tendo em vista que o compartilhamento de significações serve à afirmação simbólica de uma unidade e de um pertencimento, uma adesão coletiva que contribui para o estabelecimento e para o reforço de uma ligação social (HALL, 2016). Essas construções, para Foucault (1999), determinam o caráter que agrupa os indivíduos em unidades gerais, distinguindo-os uns dos outros e permitindo que se encaixem de maneira a que todos encontrem o seu lugar na ordem social em diferentes níveis de hierarquização. Por esse motivo, Hall (1997) afirma que todas as práticas de significação envolvem relações de poder, uma vez que existe uma desigualdade simbólica entre os grupos sociais quanto ao poder de legitimar suas concepções, o que faz com que muitas diferenças sejam apagadas ou marcadas a ponto de fixar fronteiras simbólicas, que repercutem no agravamento de disparidades sociais e desigualdades econômicas. Assim, os significados envolvidos nesses sistemas representacionais ajudam a compreender quais posições de sujeito eles produzem e como os diferentes grupos podem ser posicionados em seu interior (WOODWARD, 2000).

As representações veiculadas por meio do discurso jornalístico produzem, assim, um enquadramento particular e parcial a partir do qual a realidade passa a ser compreendida, dando forma, direção e propósito à conduta e às práticas humanas (HALL, 1997).

Minayo (1995) acrescenta que essas construções traduzem um pensamento fragmentário e se limitam a certos aspectos da experiência existencial, possuindo graus diversos de clareza e de nitidez em relação à realidade. Enquanto práticas culturais provocadoras de sentidos variados, tornam-se parte crucial da dinâmica social pela qual a sociedade se estrutura e se mantém em um processo constante de produção e reprodução, constituindo-se como um elo entre nossas crenças abstratas e nossas atividades concretas enquanto sujeitos. Nesse sentido, Moscovici (2005) defende que a representação funciona como uma preparação para a ação, uma vez que guia a conduta e reconfigura os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar. As representações midiáticas de um megaevento esportivo podem, por exemplo, mobilizar uma revolta popular contra a realização da competição ou contribuir para a conquista da opinião favorável da população, dando visibilidade a sentidos emergentes ou atendendo aos interesses da ideologia dominante.

No discurso da série do *The Guardian*, diferentes esferas da cultura vivida negociaram sentidos sobre as representações dos impactos das *Olimpíadas Rio 2016* em meio às relações de poder: de um lado, o local, representado pelos jornalistas comunitários de favelas cariocas; de outro, o global, evidenciado pelas lógicas jornalísticas de um veículo hegemônico e internacional. Para compreender o tensionamento entre essas duas esferas, detalharemos no próximo tópico o processo de produção da série, seus critérios de edição e suas lógicas de divulgação.

A série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” do *The Guardian*

De 5 de agosto de 2015 a 19 de agosto de 2017, o jornal *The Guardian* veiculou a série “Rio Voices: our olympic odyssey” (“Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” em português)³. O período de duração da série engloba, portanto, o ano anterior, o ano de realização e o ano posterior aos *Jogos Olímpicos* no Rio de Janeiro. Conforme consta na descrição da página, a série é um espaço destinado a reflexões de moradores do Rio de Janeiro sobre a vida na cidade-sede das *Olimpíadas* a fim de revelar o impacto dos *Jogos* na sua vida diária. O jornal afirma que as contribuições de moradores de favelas afetados pelas *Olimpíadas* irão auxiliá-lo a apresentar uma visão abrangente da vida no Rio a seus leitores a partir do testemunho das mudanças enfrentadas nessas comunidades.

A **série é composta por 21 textos** escritos, em formato de diário, por três jornalistas comunitários de favelas cariocas, os quais foram selecionados previamente pelo jornal. De acordo com a descrição apresentada dos autores, constava que Daiene Mendes morava em Nova Brasília, no complexo de favelas do Alemão e trabalhava com um projeto de alfabetização. Thaís Cavalcante era jornalista comunitária do complexo da favela da Maré. Já Michel Silva era jornalista do site de notícias Viva Rocinha. No primeiro relato que escreveram para a série, os três colaboradores se identificaram como jornalistas comunitários e destacaram sua atuação em veículos de comunicação de suas comunidades. É interessante

³ Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/series/rio-voices-our-olympic-odyssey>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

destacar que o *The Guardian* poderia ter selecionado quaisquer jornalistas brasileiros, sejam da mídia hegemônica ou comunitária, para participar da série. No entanto, optou por estudantes de Jornalismo, os quais, embora já trabalhassem ativamente em veículos comunitários, ainda se encontravam em formação. Nessa perspectiva, é como se o jornal estivesse dando uma oportunidade única a esses estudantes brasileiros, constituindo-se praticamente em um gesto de caridade ao permitir que integrem uma série de um jornal de renome internacional.

Assim, não parece haver a intenção de que esses jornalistas comunitários se posicionem, dialoguem e definam junto ao *The Guardian* as lógicas de produção da série, mas que se limitem a exercer a função estabelecida para eles. É como se um gerenciamento fordista tivesse vigorado ao longo do processo, uma vez que os jornalistas comunitários atuaram apenas em uma etapa específica estipulada pelo jornal, ficando alienados da produção como um todo. Coube apenas ao *The Guardian* o acesso à totalidade da série, controlando e monitorando o funcionamento de todos os seus estágios até a divulgação do produto final, subordinado às suas determinações editoriais e interesses político-econômicos. Essa postura vai de encontro com o próprio modelo defendido pelo jornalismo comunitário, que busca ampliar e democratizar o acesso dos grupos sociais marginalizados aos meios de comunicação.

Desse modo, diante da "benevolência" do jornal, esses jornalistas parecem ter assumido uma posição de subserviência, adequando-se às condições colocadas, pois são raras as vezes em que são vistos e ouvidos pela mídia hegemônica. Por mais que apro-

veitem esse espaço para dar visibilidade às demandas de suas comunidades, assumem uma posição domesticada no processo, dentro das limitações impostas pelo *The Guardian*. Parece, assim, haver um tom e uma afinação específicos para “as vozes do Rio” na série. Nessa relação assimétrica de poder, o *The Guardian* se beneficia de várias formas, construindo uma imagem positiva diante de seus leitores. Além disso, o jornal faz uso desses jornalistas comunitários enquanto fontes *in loco*, conseguindo informações detalhadas do dia a dia das favelas diretamente de quem está dentro dessas localidades.

Ainda é preciso acrescentar que dificilmente o correspondente do jornal conseguiria produzir sozinho relatos com a mesma frequência e com o mesmo nível de profundidade sobre os impactos do megaevento esportivo no cotidiano das três maiores favelas do Rio de Janeiro. Logo, o uso desses jornalistas comunitários facilitou o próprio trabalho do correspondente e ainda trouxe uma perspectiva exclusiva e diferenciada para a cobertura da competição. Dessa forma, o *The Guardian* conseguiu se vender como um jornal que dá voz às minorias sociais, uma estratégia que não só consolida o vínculo com sua habitual audiência, mas que é capaz de atrair a atenção de novos leitores e potenciais assinantes.

Além disso, em nenhum momento, esses jornalistas comunitários são alçados ao nível de correspondentes. A série se constitui, nesse sentido, em um espaço tutorado para esses jovens estudantes de Comunicação, aos quais é concedida a chance de poderem aprender com um jornal reconhecido globalmente. Para o jornal, essa imagem é muito positiva, pois transmite a ideia de um veículo inclusivo,

democrático e preocupado com as desigualdades sociais ao redor do mundo. No entanto, a concessão desse “apoio”, que por si só já transmite a ideia de superioridade do *The Guardian*, não tem o objetivo de tornar esses sujeitos autônomos e independentes, mas de domesticá-los às lógicas definidas pelo jornalismo hegemônico.

É preciso ainda problematizar a categoria “residentes do Rio de Janeiro”, utilizada na descrição geral da série, uma vez que, quando o jornal afirma que residentes do Rio de Janeiro irão refletir sobre os impactos do megaevento esportivo e depois apresenta apenas relatos de jornalistas comunitários residentes em três favelas cariocas, contribui para a consolidação de um determinado estereótipo sobre a população carioca, como se ela fosse composta apenas por pessoas que vivem nessas comunidades, desconsiderando assim a heterogeneidade de classes e os contrastes culturais que compõem o cenário da cidade. É como se afirmasse a seus leitores que os residentes do Rio de Janeiro são todos moradores de favelas, homogeneizando as diferenças sociais e promovendo uma imagem unificada e irreal sobre esses sujeitos. Como afirma Hall (1997), a homogeneização atua na transmissão de imagens standardizadas, utilizando-se de tecnologias ocidentais para apagar as particularidades e diferenças locais.

O *The Guardian* revela ainda que esses jornalistas, para sua própria segurança, foram limitados ao tocar em assuntos como gangues e tráfico de drogas, mas não revela se isso significa que houve alguma proibição ou edição prévia por parte do jornal ou se os próprios moradores optaram por não falar diretamente sobre esses temas com receio de sofrerem

represálias. No relatório publicado pela ComCat sobre a cobertura da mídia *mainstream* internacional das favelas cariocas durante o período de 2008-2016, consta que outra possível delimitação da série aos jornalistas comunitários parece ser “um claro mandato para se concentrarem em suas comunidades” (COMCAT, 2016, p. 57), uma vez que, apesar de eventualmente se referirem a outras favelas cariocas em seus relatos, eles acabam inevitavelmente enfatizando aspectos relativos aos locais onde moram. Essa definição do jornal, se por um lado faz com que os relatos sejam mais específicos, também restringe a possibilidade desses jornalistas comunitários discutirem perspectivas de outras comunidades, que podem trazer novas nuances para o complexo quadro vivido nesses contextos.

É preciso destacar que a iniciativa do *The Guardian* de dar visibilidade às visões de moradores de favelas do Rio de Janeiro sobre os impactos dos Jogos no seu dia a dia se deu, neste caso, de forma pontual e restrita ao espaço específico de uma série especial em uma seção determinada dentro de seu portal de notícias. Em outras palavras, trata-se de uma estratégia aparentemente inovadora, que pode contribuir para a circulação de novas narrativas sobre megaeventos esportivos, mas que se constitui como um recurso regulado pelas lógicas jornalísticas de uma instituição de notícias global e hegemônica. Isso significa que não cabe a esses jornalistas comunitários definirem o formato, os critérios e as dinâmicas de produção, edição e circulação de seus relatos, uma vez que são as lógicas e os parâmetros editoriais do *The Guardian* que determinam e moderam essas formas de participação. Portanto, não é possível

afirmar que há um rompimento de barreiras entre o comunitário e o global na série, mas há, na verdade, uma tímida inserção do local moldado pela ótica de um jornal hegemônico.

Assim, mesmo que esses jornalistas comunitários tivessem a capacidade e o interesse de construir suas narrativas nos formatos mais tradicionais do jornalismo, em forma de notícia ou reportagem, por exemplo, eles tiveram que se adequar ao formato de diário estabelecido pelo *The Guardian*. Esse modelo faz com que tais relatos se enquadrem em um padrão de narrativa mais subjetivo, reflexivo e informal, como se fossem uma espécie de testemunho, o que pode ter servido, intencionalmente, para demarcar uma diferença em relação às narrativas mais objetivas elaboradas diariamente pelos profissionais do *The Guardian*. Dessa forma, o jornal pode estar implicitamente relacionando os textos na série a impressões íntimas de moradores de favelas, o que os afasta do padrão tradicionalmente associado à credibilidade jornalística, a qual residiria apenas nos textos produzidos pelos jornalistas do seu quadro profissional.

No próximo tópico, analisaremos as representações dos impactos das *Olimpíadas Rio 2016* construídas na série a partir da negociação de sentidos entre diferentes esferas sociais: de um lado, as relações das favelas cariocas com o megaevento esportivo na perspectiva dos jornalistas comunitários e, de outro, as dinâmicas jornalísticas de um dos principais jornais do mundo. A partir da análise das limitações e das potencialidades dessas tensões, torna-se possível compreender em que medida o acionamento de jornalistas comunitários promoveu, de fato, mais pluralidade no discurso jornalístico a partir da construção ativa

e autônoma de representações sobre a realidade vivida nesses contextos ou se a série propagou uma falsa ideia de pluralidade por meio de um discurso superficial e tutorado.

Representações dos impactos das *Olimpíadas Rio 2016* na série

Os relatos trazem uma série de denúncias sociais, expostas por meio do posicionamento crítico desses jornalistas comunitários frente ao tratamento negligente, violento e discriminatório que as favelas e seus moradores receberam de diversos setores da sociedade ao longo do período. Michel argumenta que os projetos se desfizeram assim que o megaevento esportivo terminou, mostrando que, de fato, as *Olimpíadas* serviram para atender interesses específicos, especialmente para autopromover determinados políticos brasileiros, e não para trazer benefícios concretos à população local: “Os políticos estão sempre lançando iniciativas porque ficam bem no currículo, mas, assim que saem do escritório, os projetos morrem. Não há continuidade”. Daiene evidencia a inexistência de um legado positivo para suas comunidades, comprovando a falácia do argumento utilizado pelas autoridades públicas para convencer a população a receber a competição: “As *Olimpíadas* terminaram, assim como a expectativa de construir um legado real para as pessoas das favelas [...]”.

Para os autores, a promessa do legado após as *Olimpíadas* foi uma ilusão, já que o resultado final significou caos, abandono e repressão. Nesse sentido, Thaís afirma que “os *Jogos Olímpicos* pioraram a situação. Os preparativos para o evento têm sido desastrosos para a Maré

[...]”. Assim, fica claro que a justificativa oficial se mostrou infundada para as classes populares, constituindo-se apenas como uma estratégia para atender aos objetivos das classes hegemônicas do país. A maior parte das promessas proferidas no período nunca se efetivou, sendo esquecidas assim que a visibilidade midiática gerada pelos *Jogos* se esvaiu, conforme explicita Michel: “Com o fim dos *Jogos Olímpicos*, a favela voltou ao *status quo* de cenário invisível”. Na visão dos colaboradores da série, o megaevento esportivo serviu como um palanque de autopromoção política, em que interesses privados foram privilegiados em detrimento do atendimento de reivindicações de ordem coletiva.

Conforme os relatos, as *Olimpíadas 2016* se tornaram uma oportunidade perdida para o país, já que os projetos, em vez de gerarem desenvolvimento social e econômico aos grupos sociais mais carentes, privilegiaram áreas urbanas e parcelas da população já amplamente beneficiadas economicamente. Michel cita o exemplo da remodelação do transporte urbano: “Uma extensão desnecessária, pois esses bairros são bem servidos com linhas de ônibus. Enquanto a mobilidade urbana é deficiente em regiões mais distantes do centro econômico da cidade, a população critica a média baixa de utilização da Linha 4”. Fica evidente, assim, que as classes populares ficaram excluídas do projeto urbano colocado em prática nesse período, como expressa Daiene: “Eu respiro fundo e penso nas contradições de um modelo de cidade que não foi feito para mim, minha família ou meus amigos”.

Nessa perspectiva, o Brasil desperdiçou a chance de investir, por meio de parcerias públicas e priva-

das, no atendimento de áreas sociais historicamente deficientes do país, como moradia, educação, saúde e transporte. Esse período de grande visibilidade midiática poderia ter sido aproveitado para colocar em pauta demandas sociais urgentes, fomentando a discussão sobre possíveis soluções para os problemas enfrentados em áreas urbanas marginalizadas. Entretanto, os relatos mostram que o megaevento esportivo resultou, na prática, no reforço das desigualdades sociais e dos contrastes econômicos existentes no cenário nacional. Daiene inclusive acredita que, mesmo abandonada, a comunidade estava em condições mais favoráveis do que no contexto das Olimpíadas: “Meu sentimento é que o Alemão estava melhor no passado, quando estava abandonado”.

Para os autores, a mídia hegemônica teve um papel decisivo no mascaramento da realidade vivida nas favelas cariocas no período da competição, pois ao amplificar o discurso oficial do governo sobre o megaevento esportivo, colaborou para a disseminação da falsa sensação de que a cidade estava segura e preparada para receber os turistas. Conforme Michel, “[...] como estávamos no auge do delírio olímpico, a imprensa brasileira abafou a violência na cidade e construiu a imagem de um Rio seguro com as forças armadas brasileiras”. Essa visão é compartilhada por Bienenstein e Mascarenhas (2017) ao afirmarem que a mídia apoiou o projeto de cidade posto em prática no Rio, omitindo ou minimizando as tensões sociais e legitimando tais reconfigurações. Os jornalistas comunitários também não pouparam críticas ao foco persistente dos meios de comunicação nos aspectos negativos das favelas e de seus moradores, já que essa visão parcial contribui para o reforço de estereótipos pejo-

rativos e incentiva ainda mais a discriminação. Daiene questiona a invisibilidade dos aspectos positivos das favelas na mídia: “[...] Eu gostaria de entender por que a mídia quase nunca relata as coisas boas que acontecem nas favelas - mas quando o assunto é violência, está na primeira página”.

Assim, os jornalistas aproveitaram o espaço da série para fazer uma análise crítica da mídia dentro do próprio *The Guardian*, funcionando como uma espécie de *ombudsman* ao apontar, enquanto leitores, falhas e retrocessos dos meios hegemônicos na cobertura das favelas durante o megaevento esportivo. Assim, a série possibilitou que vozes externas avaliassem o trabalho dos meios de comunicação, o que demonstra uma atitude positiva do jornal ao permitir que esses julgamentos ganhem visibilidade, colaborando para a conscientização dos jornalistas quanto a seu papel na (des)construção de estereótipos e valores. No entanto, é preciso pontuar que essas críticas estão voltadas implicitamente aos meios de comunicação nacionais, já que os autores reclamam da falta de cobertura de temas cotidianos e do apoio dado pela mídia local à versão das autoridades públicas, o que não inclui necessariamente veículos de mídia internacionais, como o próprio *The Guardian*. Dessa forma, é como se o jornal se colocasse acima da imprensa nacional, em uma posição de superioridade, de quem apenas dá voz a sujeitos marginalizados e silenciados pelos próprios veículos de mídia de seu país.

É interessante pontuar que os jornalistas comunitários evidenciaram em seus relatos não só os impactos vivenciados no contexto do megaevento esportivo, mas também conseguiram mostrar que sua situação de abandono e de luta é histórica, conforme

denuncia Michel: “Até então, o governo havia nos ignorado por 70 anos, deixando muitos serviços básicos como saneamento, saúde, água e luz em uma situação precária”. Há décadas, essas localidades e seus moradores são tratados com desprezo por diversos setores da sociedade, além de serem obrigados a conviver com a violência e com sucessivas tentativas de estereotipia, o que acentua seu processo de marginalização social. Thaís afirma que “o Estado executa pessoas aqui porque moram em uma favela e são negros”, o que explicita o preconceito do próprio poder público.

A resistência, por sua vez, também sempre esteve presente nessas comunidades, já que, desde o início de sua formação, esses grupos tiveram que lutar incansavelmente para terem sua existência reconhecida e para serem ouvidos pelo poder público. Como destaca Thaís, “A favela existe. Essa maquiagem não vai impedir de mostrarmos a nossa força, potência e cultura”. Os autores mostram que, com a chegada do megaevento esportivo, a novidade é a potência com que esses impactos atingiram esses locais, naturalizando os casos de violência no dia a dia das favelas. Conforme expõe Daiene, “o dia inteiro e em diversas localidades quase que simultaneamente as pessoas relatam ouvir tiros”. O descaso com relação às demandas das favelas, a resposta do poder público em forma de repressão policial, a presença cotidiana da violência, as sucessivas lutas para resistir às injustiças cometidas e a representação preconceituosa e estigmatizante dessas localidades e de seus moradores evidenciam que os Jogos não trouxeram benefícios efetivos às comunidades cariocas, significando não só a permanência da sua invisibilidade, mas também o

agravamento das divisões sociais e da periferização das minorias sociais na cidade.

Grande parte do recrudescimento da truculência estatal nesse período é associado ao processo de militarização das favelas cariocas por meio da implementação de Unidades de Polícia Pacificadora. A presença da polícia militar nas ruas das comunidades, uma política nova colocada em prática antes do megaevento esportivo, é retratada reiteradamente como a causa principal da transformação da vida dos moradores em uma verdadeira guerra. Conforme explica Daiene, "A qualquer momento, policiais e traficantes de drogas podem se encontrar em um beco e, de repente, **é uma guerra**". O Estado, que esteve ausente dessas comunidades durante décadas, encontrou na força policial uma forma de controle e repressão, concentrando ainda mais a violência nas áreas periféricas da cidade. Nas palavras de Michel, "o governo [...] tende a priorizar as áreas perto de grandes eventos e de forte especulação imobiliária em áreas ricas. A violência é empurrada às áreas mais pobres". Isso significa que o poder público, em vez de propor políticas públicas que gerassem benefícios permanentes a essas localidades, na prática, optou por se fazer presente nas favelas por meio da atuação violenta e arbitrária da polícia militar, legitimada pela necessidade de garantir a segurança durante os Jogos. Para Thaís, "sua finalidade é mostrar mundialmente como o país está pronto para garantir a segurança de quem chega, mas não de quem permanece".

Conforme as denúncias presentes nos relatos da série, a invisibilidade dos problemas sociais não significa que eles não existam, mas que eles foram

deliberadamente silenciados segundo interesses hegemônicos, enquanto que esses sujeitos marginalizados seguiram enfrentando, diariamente, as consequências concretas desse processo. Como sua existência não é reconhecida, são excluídos das políticas públicas, esquecidos pelas equipes de saúde e estigmatizados pelas forças policiais, em um círculo vicioso que força essas comunidades a permanecerem desamparadas e desassistidas. Portanto, mesmo que, durante os Jogos, essas comunidades tenham ganhado uma aparente visibilidade no discurso político, isso não significa que o poder público tenha reconhecido as urgências sociais desses grupos marginalizados, mas que apenas os utilizou temporariamente para obterem benefícios em causa própria para logo relegarem esses sujeitos, mais uma vez, ao seu estado de abandono.

Desse modo, na perspectiva dos colaboradores da série, o megaevento esportivo representou apenas um estímulo pontual, caracterizado por diversas promessas superficiais e passageiras, que não repercutiram de forma concreta no dia a dia dessas comunidades. Muitos moradores, inclusive, foram removidos de suas casas para dar lugar a empreendimentos esportivos, tendo que se deslocar para lugares afastados onde é precário o acesso a serviços básicos, como saúde e educação, excluindo-os, portanto, justamente das áreas beneficiadas com investimentos públicos e privados.

Desse modo, é possível afirmar que, pela familiaridade com os temas retratados e pelo vínculo cotidiano com a cultura local, esses jornalistas comunitários conseguiram relatar os impactos da competição em suas comunidades de forma detalhada e contextualizada na série, problematizando a complexidade da

realidade em que vivem com profundidade e afastando-se, em grande medida, de explicações simplificadas e superficiais. O espaço dado a esses jornalistas comunitários na série também se mostrou produtivo para afastar os frequentes estigmas associados a essas comunidades e seus moradores ao revelarem a diversidade e a heterogeneidade que caracterizam esses contextos sociais

Por meio da articulação crítica de aspectos sociais, políticos e econômicos presentes no cenário brasileiro no período, os autores destacaram aspectos sistematicamente silenciados pelos promotores da competição e seus apoiadores, expondo uma lógica cruel e discriminatória que teve como alvo principal as minorias sociais do Rio de Janeiro. Em seus relatos, trouxeram à tona as tensões e contradições do megaevento esportivo a partir da visão de quem é afetado por decisões arbitrárias e autoritárias, rompendo com o distanciamento característico da cobertura do jornalismo internacional. Assim, ao expressarem os resultados concretos dos projetos colocados em prática nesse período para grupos sociais que raramente ganham espaço na mídia, os autores deram visibilidade a representações alternativas e mais plurais, oxigenando o discurso jornalístico e aproximando-o significativamente da cultura vivida nas favelas cariocas no contexto das *Olimpíadas Rio 2016*, o que pode contribuir para modificar as percepções sobre o mundo vivido e para contrapor racionalidades fragmentadas e dominantes.

Contudo, se, por um lado, os jornalistas comunitários demandaram a inclusão de uma multiplicidade de demandas simbólicas e materiais na agenda pública a partir de seus relatos na série, tendo sua

voz amplificada por um jornal de magnitude global como o *The Guardian*, por outro lado, esse processo só foi viabilizado a partir da supervisão e da legitimação permanente do veículo jornalístico. Em outras palavras, o contra-hegemônico conseguiu disseminar representações mais diversificadas sobre uma determinada realidade social, mas sua expressão foi moldada pelo crivo do hegemônico, dificultando a participação ativa e autônoma dos colaboradores da série na concepção, produção, edição e divulgação desses relatos. Dessa forma, esses sujeitos tiveram uma liberdade condicionada pelo padrão ditado pelo próprio jornal, precisando se ajustar às normas e concordar com o modelo estabelecido para poderem ser ouvidos nesse espaço dominante. Logo, se houve, de um lado, a abertura para a pluralidade de vozes e para a diversidade de representações nos relatos, não houve, por outro lado, a promoção de relações democráticas que viabilizassem a participação igualitária dos jornalistas comunitários no processo de produção da série.

Considerações finais

Nesse artigo, analisamos a construção de representações das *Olimpíadas Rio 2016* no discurso da série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” a partir da problematização das mediações entre a cultura vivida nas favelas cariocas, representada pelos jornalistas comunitários na série, e as lógicas de um jornal global e hegemônico como o *The Guardian*. Os relatos que compõem a série levaram à representação do megaevento esportivo como uma justificativa infundada, pois a promessa de que os Jogos trariam benefícios sociais, políticos e econômicos ao país não se concretizou, mas demonstrou ser apenas

um recurso falacioso com a finalidade de conquistar a opinião favorável da população para a realização da competição.

Assim, o discurso da construção de um legado, especialmente para os grupos sociais mais pobres, revelou-se uma ilusão, pois não foram elencadas melhorias na qualidade de vida desses sujeitos, mas sim a manutenção de suas dificuldades ou, até mesmo, o agravamento das suas condições de existência. Em alguns casos, as autoridades se aproveitaram do momento para legitimar práticas truculentas de repressão policial, interferindo no dia a dia dessas comunidades de forma autoritária e tratando os moradores de forma desrespeitosa.

Essas ações foram justificadas pela necessidade de garantir a segurança ao longo dos Jogos, prejudicando, no entanto, o bem-estar desses grupos sociais, que tiveram que conviver diariamente com o recrudescimento da violência. Em suma, o megaevento esportivo parece ter sido planejado e executado para os visitantes da cidade e não para seus moradores, seguindo uma lógica de aparências em que disfarçar os problemas sociais do país era prioridade.

A série, assim, possui um aspecto inovador, pois constitui-se como um espaço de visibilidade para vozes locais dentro do jornalismo internacional, permitindo que sujeitos de comunidades marginalizadas de um país em desenvolvimento possam construir suas próprias representações do megaevento esportivo sediado na cidade onde residem. O jornal dá vazão às reivindicações dessas classes populares, colocando em pauta demandas de minorias sociais, o que, de fato, deveria ser o objetivo norteador de todos os veículos jornalísticos,

os quais têm compromisso com o interesse público e com o avanço democrático da sociedade. A série contribuiu assim para mostrar outro lado das *Olimpíadas*: o lado dos sujeitos que não têm opção a não ser pagarem um preço alto para que os Jogos aconteçam em seu país, sem, nem ao menos, poderem usufruir de seus benefícios.

Contudo, esse processo de elaboração discursiva não foi feito de forma totalmente autônoma pelos participantes na série, pois sofreu sucessivas influências das lógicas do próprio jornal. Assim, é possível afirmar que o *The Guardian*, ao mesmo tempo em que propõe uma abertura, impõe um controle, pois seleciona as vozes que serão ouvidas, determina os critérios de edição e estabelece os meios de divulgação. Portanto, a iniciativa se constitui enquanto um espaço híbrido do local no global, mas essa relação não é igualitária, tendo em vista que pressupõe necessariamente uma hierarquia estabelecida pelo domínio das lógicas do global e do hegemônico sobre as vozes locais e marginalizadas. Em outras palavras, apesar de os dois lados se beneficiarem a partir dessa articulação, essa negociação teve pesos e medidas diferentes, com a clara superioridade das mediações jornalísticas na determinação dos termos em que essas trocas se efetivaram.

Desse modo, é possível perceber que, mesmo em um espaço aparentemente mais democrático do hegemônico, em que há uma tentativa de abertura para a diversidade, é negada a esses sujeitos marginalizados a participação integral ao longo do processo, impossibilitando a construção de seus relatos sem interferências externas. Assim, precisam se encaixar em um modelo pré-estabelecido para que suas demandas se-

jam ouvidas nesses espaços dominantes e, consequentemente, legitimadas na arena de visibilidade pública. O aceite ao convite do *The Guardian* significou implicitamente a necessária submissão e absorção do comunitário às lógicas dominantes do jornalismo internacional.

Essa regulação deixa implícita a tentativa de domesticação do alternativo pelas normas do hegemônico, que buscou conquistar seus leitores por meio de uma estratégia inovadora, mostrando-se aberto a vozes heterogêneas, mas sem perder o controle sobre o discurso. Portanto, a diversidade de representações evidenciada na série do *The Guardian* não significou a democracia nas formas de participação dos jornalistas comunitários ao longo do processo de produção da série, o que demonstra a importância de um estudo crítico e aprofundado das diferentes iniciativas de concessão da mídia hegemônica às classes populares, uma vez que a pluralidade de vozes nem sempre é sinônimo de autonomia ao longo do processo de elaboração discursiva.

Referências

ANCOP, Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas. **Olimpíada Rio 2016: os jogos da exclusão. Megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://br.boell.org/sites/default/files/dossiecomiterio2015_-_portugues.pdf. Acesso em: 7 jun.2020.

BIENENSTEIN, G.; MASCARENHAS, G. Depois do espetáculo: percepções e avaliações de megaeventos esportivos no Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2017.

CEVASCO, M.E. **Dez lições sobre Estudos Culturais.** São Paulo: Boitempo, 2003.

COIRO-MORAES, A.L. A análise cultural. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 24., 2015, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2015. Disponível em http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-4df33669-bb03-4c-83-92ab-62fbe023bb30_2825.pdf. Acesso em: 7 jun. 2020.

COMCAT. **Favelas na Mídia**: como a vinda da imprensa global na era dos megaeventos transformou a imagem das favelas. Comunidades Catalisadoras, dez. 2016. Disponível em: <http://comcat.org/wp-content/uploads/2016/12/Relatorio-Favelas-Na-Midia-ComCat.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2020.

COSTA, R.G.R. **Antônio Gramsci e o conceito de hegemonia**. Blog do Dario, out. 2012. Disponível em: <https://dariodasilva.wordpress.com/2012/11/30/antonio-gramsci-e-o-conceito-de-hegemonia/>. Acesso em: 7 jun. 2020.

ESCOSTEGUY, A.C. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T.T. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 135-166.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GROSSBERG, L. Lutando com anjos: os estudos culturais em tempos sombrios. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 13-46, jul./dez. 2015.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

LOPES, M.I.V. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. **Revista Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 14-23, set./dez. 2018.

MINAYO, M.C.S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 89-111.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

LAUREN STEFFEN
FLAVI FERREIRA LISBÓA FILHO

THE GUARDIAN. Rio voices: our Olympic odyssey. **The Guardian**, Londres, 19 ago. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/series/rio-voices-our-olympic-odyssey>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 1º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72.